

**Uma visada anti-humanista: o mal em *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, e *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho**

***A anti-humanist regard: evil in Crônica da casa assassinada, by Lucio Cardoso, and Memórias de Lázaro, by Adonias Filho***

Ludimila Moreira Menezes

Universidade de Brasília, Brasília, DF / Brasil

ludimilammenezes@gmail.com

**Resumo:** Este artigo busca pensar com Georges Bataille o *ethos* da dilapidação nos romances *Crônica da casa assassinada* e *Memórias de Lázaro*, e explorar como se dá a construção de certa imagística do mal observada nas narrativas, advinda da correlação entre as disseminações do excesso – seja do signo linguístico ou do repertório ético – e as atrações ao risco, à bestialidade como catalisadora de uma dicção anti-humanista. O artigo vislumbra discutir a linguagem literária que se concentra na consumação do mundo ante à preservação, forja-se nos pressupostos da violência e do júbilo aos pares antitéticos da lei e do progresso e que dissemina, em seus projetos ficcionais, falências de regimes morais, utilitaristas desde uma economia – de significâncias – de dissipação da virtude pelas experiências de violações, de transgressões, e, ainda, que faz perviver toda uma tradição literária de matiz anti-humanista que não vislumbra a linguagem em missão salvacionista e edificante do mundo ou do nacional.

**Palavras-chave:** linguagem; dispêndio; expressionismo; erotismo; anti-humanismo.

**Abstract:** This article seeks to think with Georges Bataille the the ethos of the dilapidation in the novels *Crônica da casa assassinada*, and *Memórias de Lázaro* and to explore how they operate the construction of a certain imagery of evil seen in the narrative, imagery that is originated from the correlation between disseminations of excess, be it of the linguistic sign, the ethical repertoire and the attractions to the risk, even to bestiality as a catalyst of an anti-humanist diction. The article also discusses

the literary language that is concentrated in the consummation of the world in place of the preservation, and is forged in the assumptions of violence and jubilation to antithetical pairs of law and progress and it disseminates its fictional projects, the collapse of moral and utilitarian from an economy – of meanings – that dissipate virtues through experiences of violations, of transgressions, and still, that operates the survival of an entire literary tradition of anti-humanist cast that does not see its language in a salvationist and edifying mission of the world or the nation.

**Keywords:** language; expenditure; expressionism; erotism; anti-humanism.

Recebido em: 1 de dezembro de 2016.

Aprovado em: 19 de abril de 2017.

Antonio Candido, em “O direito à literatura”, reflete acerca do processo de humanização que seria viabilizado pela literatura, que confirmaria no homem traços considerados essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, assim como argumenta que não é possível haver equilíbrio social sem a literatura. É emblemático que essa defesa ressoe em seu ímpeto pedagógico de atribuir uma função humanista à literatura e reputar à leitura do texto literário o desenvolvimento da quota de humanidade na sociedade:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.<sup>1</sup>

Sob esse prisma, a noção de melhoramento da sociedade advinda de certo regime ético comprometido com o social, alçaria as produções literárias a um patamar de empenho contínuo, negociando uma economia textual que pretere a linguagem não alinhada aos paradigmas humanistas como sendo menos valorosa ou interessante do

---

<sup>1</sup> CANDIDO. *O direito à literatura*, p. 243.

que as obras alinhadas. O legado dessas reflexões não é inaugurado por Antonio Candido; é expressiva a ênfase dada por Silvio Romero, em seu *História da literatura brasileira* (1888), a uma concepção de literatura associada à noção de cultura e atada ao conceito de desenvolvimento e independência da nação. João Alexandre Barbosa, em seu *A biblioteca imaginária* (1996), argumenta que se no caso das literaturas europeias e norte-americanas a fixação do cânone resultou do aparecimento de grandes ensaios de interpretação da herança cultural do Ocidente, no caso brasileiro, a formação do cânone literário seguiu, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia cultural em relação às fontes metropolitanas. O autor destaca que, nos esforços de estabelecer um *corpus* de autores e obras identificados como brasileiros e diferenciados das origens europeias, sobrelevava-se “o discurso histórico-literário, desde as suas mais incipientes manifestações românticas, passando pela extraordinária sistematização de Sílvio Romero, em fins do século XIX, até as reformulações modernas e contemporâneas.”<sup>2</sup>

Da conjunção de retóricas nacionalistas advindas dos críticos românticos, das suas críticas de linhagem sociológica que reputam à literatura um lugar de atividade e (re)construção da sociedade, parto dos estudos de Georges Bataille sobre a literatura e sua inorganicidade para pensar de maneira radicalmente outra a figuração dos romances *Memórias de Lázaro* e *Crônica da casa assassinada*, desde suas linguagens e temáticas expressionistas, distantes de uma historiografia vincada em pressupostos de projeção do nacional e de empenho social. Assim, diante do estudo e análise dos romances aqui elencados verifica-se que existem obras nas letras brasileiras que não se encerram em um projeto de ímpeto humanista (com pretensões à comunicação, à síntese e à redenção do material histórico e do repertório emocional tratado) e que investem na noção de literatura como dispêndio; produções ficcionais que forjam significâncias que excedem ao dito representativo do enredo e que operam sob o influxo de temas, de estilemas, de linguagens que se radicalizam pelos sentidos desatados dos pactos de referencialidade ou mesmo da ontologia de empenho que serviu de estrutura a outras obras literárias. Uma literatura como dispêndio, distinta da categoria literatura em uma visada/morada universal, enredada em uma análise sociológica

---

<sup>2</sup> BARBOSA. *A biblioteca imaginária*, p. 23-24.

do discurso literário<sup>3</sup> forjada em atribuições de elucidação e redenção dos impasses sociais.

Pelas narrativas de Lúcio Cardoso e de Adonias Filho, exploram-se domínios do excesso que investem no desgaste de certa polaridade centrada na idealidade dos sujeitos e em vozes narrativas interessadas em uma unidade primordial que ajustem e orientem os dilemas subsumidos da realidade. Desse modo o estudo de Georges Bataille, em *A noção de dispêndio* e em *A parte maldita*, viabiliza o entendimento aqui proposto de pensar a literatura como dispêndio. O autor concebe um exame da dinâmica do mundo apresentando concepções acerca do funcionamento das sociedades, do sistema que assume a abstração da consumação como recurso primordial à persistência do universo. Nesses dois ensaios, que datam, respectivamente, dos anos trinta e cinquenta, o filósofo trata do princípio de perda, da categoria de energia excedente, das trocas astutas, sintetizadas na pressão da rivalidade entre diferentes grupos e sociedades, e considera, também, regimes envolvidos por um estatuto de consumação que vislumbra uma fatura, um dispêndio em abertura inegociável e outro estatuto de empreendimento que tem como diretriz a eficácia da utilidade.

Dos mundos em delitos e excessos que disseminam súplicas e alteridades em terrenos assombrados, selados por experiências de danação e êxtase, da investidura de soberanias que não se encerram em vitórias, seguem pela dissipação das conquistas as dimensões éticas de romances que se fazem Lázaro em seus apelos mais cadavéricos de miasmas e apocalípticos de revindas; ganha força a tese de que o excesso também se deflagra na espacialidade, tanto na espessura de monumentalidade ruinosa do casarão da chácara dos Menezes, quanto na textura arcaica e pungente do Vale do Ouro. Há, portanto, nessas linguagens delituosas, ambivalências que forjam a prática escritural, os personagens em suas investigações, criminalizações e paixões tensionam, agudizam regimes de ressentimentos, de violências soberanas, de atrações ao mal, em uma suma de êxtases e vícios. Georges Bataille, ao examinar e debater características e práticas que delineiam e fundam a correlação entre a literatura e o mal em *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, a literatura

---

<sup>3</sup> No que concerne a essa perspectiva, acompanhar a discussão no capítulo “A análise sociológica da literatura”, do livro *Teoria da literatura em suas fontes*, de Luiz Costa Lima, que trata das vantagens e desvantagens da “tendência de ver as obras literárias e artísticas como epifenômenos do tecido social, como ‘documentos’ da ‘realidade’ capazes por si de dizerem desta” (LIMA. A análise sociológica da literatura, p. 661-662).

como não lugar da lei, argumenta que o fundamento da efusão sexual é a negação do isolamento do eu, que só chega ao desfalecimento ao se exceder, ao se ultrapassar no enlace em que a solidão do ser se perde.<sup>4</sup> Sob esse aspecto, para o filósofo, quer se trate do erotismo puro (de amor-paixão), quer de sensualidade dos corpos, “a intensidade é maior na medida em que a destruição, a morte do ser transparece. Aquilo a que chamam vício decorre dessa profunda implicação da morte”.<sup>5</sup>

O aspecto intrincado entre a ideia de soberania – que se forja pelos processos de negação às articulações dos processos civilizatórios e que se expressa pelas passagens de consumação não interessadas na via utilitarista de construção de mundo – e o dispêndio como entendidos por Georges Bataille atinge, nos romances analisados, um grau de elaboração que reforça e suplementa as teses do filósofo. Sob o domínio do crime (a casa assassinada, o assassinato de Roberto, as desfigurações do pai por Rosália) e da maldição, as realidades constituídas por esses romances acarretam perda e gasto. O dispêndio sobrevém em movimento inegável e incontornável da linguagem, que alça as comunhões dos personagens a um princípio dilapidatório e a uma economia geral, que se diferencia do processo de conservação e da aquisição produtiva das interações sociais de uma economia restrita e utilitarista. Se não é pela sublimação e nem pela distribuição equânime, imparcial das forças, da nostalgia, do luto, da vingança e do êxtase que *Crônica da casa assassinada* e *Memórias de Lázaro* se alinham, considero o argumento batailliano sobre o excesso que anima o mundo, para perseguir, desde as narrativas, no rastro dos apelos que ultrapassa o passo regulado da contemplação, a extensão infinita da linguagem dos romances em suas exaltações de rendições, de perdições, de cismas... Nesse caráter explosivo do mundo, as catástrofes dos romances ascendem a um estado de dilapidação que pretere a conservação das necessidades ao fluxo agonístico do luxo e do desperdício em *Crônica*, e ao brutalismo, ao assassinio e ao primitivo, em *Memórias*. Quando Bataille trata da glória improdutiva em uma precisão metafórica com o funcionamento da irradiação solar – “O sol dá sem nunca receber” –,<sup>6</sup> destaca como o juízo prático e a moral cristã

---

<sup>4</sup> BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 14-15.

<sup>5</sup> BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 14-15.

<sup>6</sup> BATAILLE. *A parte maldita*, p. 50.

agiram no reputamento negativo dessa dinâmica do excedente como força motriz do mundo.

Se a partir do argumento de Bataille de que o domínio do erotismo é o domínio da violência e de que o desprendimento do ser à descontinuidade é algo abrupto, cabe sua consideração de que “o mais violento para nós é a morte que, precisamente nos arranca à obstinação que temos de ver durar o ser descontínuo que somos. Ficamos com o coração na mão diante da ideia de que a individualidade descontínua que existe em nós vai subitamente se aniquilar”.<sup>7</sup> Pelas confissões dos personagens de *Crônica da casa assassinada* e também das narrativas dos personagens de *Memórias de Lázaro* distingue-se uma urgência em permanecer, e é nas negociações entre paixão, vingança, obsessão, luto, ressentimento que se revela o gesto escritural como garantia, ventura de continuidade para que a consumação dos desejos, dos vícios, do desabrigo, dos delitos esteja em potência de devir. Nesse sentido, Georges Bataille pensa a consumação como força e elo para a saga da continuidade:

Se não me preocupo mais com “o que será” mas com “o que é”, tenho razão para guardar alguma coisa como reserva? Posso imediatamente, em desordem, fazer da totalidade dos bens que disponho uma consumação instantânea. Essa consumação inútil é o que *me convém*, tão logo seja suprimida a preocupação com o amanhã. E se assim consumo, sem medida, revelo a meus semelhantes aquilo que sou *intimamente*: a consumação é o caminho por onde se comunicam seres separados.<sup>8</sup>

*Crônica da casa assassinada* se apropria de um anedotário mineiro de assombrações, de santos, de rezas, de sobrenomes guardiões de épocas áureas, de sacrilégios revertidos em pragas em uma textura de granulações expressionistas em uma voltagem que transcende uma mera reprodutibilidade simbólica. Resta ao João, àquele responsável pelos cadernos do apocalipse, o evangelista exilado, o excerto único e epígrafe inaugural de *Crônica da casa assassinada*, que ilumina mas não resolve o mistério do sagrado em hesitação, do adeus que se excede,

---

<sup>7</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 40.

<sup>8</sup> BATAILLE. *A parte maldita*, p. 72.

do fracasso de um tão almejado alcance a esse outro guardado, portado no apelo escritural: “Jesus disse: tirai a pedra: Disse-lhe Marta, irmã do defunto: Senhor, ele já cheira mal, porque já está aí há quatro dias. Disse-lhe Jesus: Não te disse eu que, se tu creres, verás a glória de Deus? São João, XI, 39,40”.<sup>9</sup> Entre o que recende do corpo doente e depois velado de Nina e a dimensão cadavérica que o romance desenvolve ao longo da narrativa, ecoa a epígrafe até então enigmática cujo alumbramento forja uma ironia negativa, já que o corpo pútrido de Nina não ressuscita como o de Lázaro. Frente ao não milagre, *Crônica* opera em lances de decepção, André e Valdo protagonizando incursões e suspeitas ao corpo que ainda poderia despertar, mas não retorna.

O júbilo vivido e experimentado na relação incestuosa de Nina e André se dá pela intrusão de um tempo escasso de espasmos; são notas em apelos de um desejo singularizado pela concretização e pela frustração, desejo reverberado por uma obsessão que insulta morte e realidade. Uma escritura pela intrusão, pelo eco de mundo primitivo que não se expõe pela disputa, impõe-se invicto e irreduzível. Nina institui o fascínio que se propaga pelo íntimo de André, como medida intransponível sobre esse mundo em desconcerto e agitação pela mulher indevassável, e, ultrapassando qualquer premissa humanista de lastro religioso, a sintaxe sacrílega excede a letra do possível e não se esgota na unidade do referente; o desejo de André por Nina vai além do corpo são, da presença altiva, vai além da amante. A consequência desse movimento é que Nina deixa de ser uma entidade em si, signo absoluto, e se dissemina na narrativa em um mundo de interpretações, de diferentes e extremadas apropriações, de relações que diferenciam sua imagem, sua força, suas verdades. O contato mais agônico experimentado por André, desde esse mundo-Nina de incessantes significações, é a relação quase necrófila com o corpo corrompido e recendido de morte da amante: “Abandonei-a, e ela afundou na massa mole dos travesseiros. O líquido, vagaroso, ainda escorria pelos meus braços. Morta? Viva? A questão era inútil. Vivo era eu.”<sup>10</sup> Esse além da vontade, o desejo que não se espanta e que alcança o fora da dimensão real, (re)funda um mundo fantasmático como aquele das imersões no jardim do casarão, com outras cores e odores.

---

<sup>9</sup> CARDOSO. *Crônica da casa assassinada*, p. 17.

<sup>10</sup> CARDOSO. *Crônica da casa assassinada*, p. 428.

Em *Memórias de Lázaro* há uma reação pelo mal, os personagens não desvanecem pelo fracasso. Pela fatalidade, trilham um percurso materializado no abjeto onde o sentido da regeneração é negado; a única sobrevivência possível não é a do milagre, é a do martírio inarredável, da vingança, da acusação, do crime, da consumação do mal. Tomando a cena agônica do périplo de retorno de Alexandre ao Vale do Ouro como emblemática de uma celebração do sagrado como cume do mal, como um movimento irresistível de devoção, de fascínio, de desejo ao lugar de violência, de limbo perene, aponto a consideração de Georges Bataille de que o sagrado seria “essa efervescência pródiga da vida que, para durar, a ordem das coisas encadeia e que o encadeamento transforma em desencadeamento, ou, em outros termos, em violência”.<sup>11</sup> Os romances analisados investem em um súbito de súplicas pelo outro, seja a presença física ou espectral, concreta ou desvanecida, e é por esse desacerto entre as experiências do presente e as reminiscências do passado que a condição do isolamento reverbera um tempo desvairado e implacável. Nesse sentido, as reflexões batailleanas que incidem sobre o abismo entre um ser e outro, a tal descontinuidade que impera, apontam uma chave possível para a apreensão, mesmo que borrada, da ausência de Nina, de Rosália, da presença inarredável do Vale do Ouro, a partir da ideia do filósofo de que “[t]oda a operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo.”<sup>12</sup> Da nostalgia e atração ao Vale, Alexandre expõe esse jogo inexorável:

Seu vento açoitava, crescia em ronco profundo. Trotavam, em disparada, as crinas flutuando, os seus cavalos selvagens. Revolvia-se, com uma lava incandescente, o lodo de seu canal. Confundiam-se com os cactos os nódulos das abjetas mãos do leproso. Maior que eu mesmo, ultrapassando as montanhas e as florestas chegou-me a imagem de Jerônimo. Chamava-me aos berros, como um enfeitado. Ardía, nos meus olhos o fogo da sua caverna. E, finalmente, vibrando como um laço imenso, arrastou-me em sua fúria o vento doído.

---

<sup>11</sup> BATAILLE. *Teoria da religião*, p. 44.

<sup>12</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 41.

Voltei as costas para o quarto, atravessei a porta, sem outro qualquer agasalho que a roupa do corpo, já deslumbrado pela visão do vale, indomável e áspero, que me esperava.<sup>13</sup>

Não se reconhece em *Crônica da casa assassinada* e em *Memórias de Lázaro* clamor pela conciliação dos tempos que resulte em um apagamento da dor: tudo em vida é permanente. Alexandre, devoto do não desvanecimento de Rosália, investe em uma saga de acúmulos confessionais que vislumbra pela vingança o alcance espectralizado, a concretude de uma justiça arcaica, a mutilação de quaisquer traços de paz no Vale. André, em suas lembranças ltuosas que insistem no desejo, manifesta a devoção a certa continuidade da presença, primeiramente interdita e depois impossível, que se abriga na nostalgia para não se reduzir ao abandono. O que importa de ambas nostalgias é a excitação ativada por uma negação da realidade, pela soberania do mal que impele ao irresgatável, ao irreversível dos gestos, da morte. Nem mesmo diante da incursão testemunhal de Roberto acerca das perversidades cometidas por Rosália, Alexandre não recua de sua radical conexão com a personagem:

Foi depois, porém, que começou a pensar nos pássaros. Pai, em casa, tinha as suas gaiolas. Ela tirou os pássaros, um a um, e, com a faca, cortou as pernas. Furou os olhos, com a ponta da faca, de dois ou três, já não me lembro bem. Pai zangou-se, era natural. Chegou a espancá-la, pai, a ponto de Rosália vomitar sangue. Pôs a mão no sangue e o cheirou. Não deixou que eu o lavasse e o sangue secou nos dedos, eu juro. Na noite seguinte, eu dormia, e acordei ouvindo os gritos de pai. Quando corria, ela passou por mim com um facho nas mãos. Pai tinha o rosto em carne viva. E gemia. Entrara no quarto com o facho aceso, e o calcara com toda força na cara de pai. Se o queria matar, não sei. Mas juro que pai, embora não ficasse cego, se transformou numa coisa horrenda. Você viu aquela cara, a cara de pai, e se recorda.

“Perdeu a fala, então. Se perguntávamos, não respondia. Fechava-se no quarto, a princípio sozinha e depois com o cachorro. Ela começou cortando a cauda. Cortou as

---

<sup>13</sup> AGUIAR FILHO. *Memórias de Lázaro*, p. 157.

orelhas depois. E pai a espancou novamente, alucinado, com o cinturão. Chorar não chorou. Não perdeu também os sentidos, eu juro. Mas começou a se enfeitar. Agora limpava as unhas, lavava os vestidos, penteava os cabelos. Fazia questão de ir conosco para as colheitas.<sup>14</sup>

Se desde Bataille, leitor de Sade, toma-se que “o excesso está fora da razão”,<sup>15</sup> o desejo irreduzível de André por Nina, mesmo depois de sua morte, o tumulto latente e o desatino de Alexandre, cativo de um tempo estagnado, advindos das injúrias, do espaço de desonra que retêm Rosália e das desgraças que fundam o Vale, são marcas expressionistas de linguagens às voltas com a continuidade corpórea de mortas irrecuperáveis. Assim, prevalece nos romances uma constante ascensão ao irrepresentável do choque que instaura o fim, o exílio, a incomunicabilidade e provoca nas textualidades uma desmesura do signo linguístico que deixa de comunicar e de se valer como epifenômeno social edificante para destituir, apagar, redimensionar e desorbitar sentidos às coisas, às pessoas e ao mundo. Ainda que Georges Bataille reconheça que é a partir da noção de conduta racional que as posturas se dão com maior frequência na sociedade, interessa aqui o que o filósofo explora como febre sexual, o gasto em desmedida na violência da paixão. Dessa relação destacada por Bataille entre volúpia e dilapidação ruinosa, um prolongamento desse movimento de ruína nos romances se dá pela disseminação da decadência moral, pelos rastilhos do êxtase assumidos e capitalizados por meio de sintaxes sacrílegas que exploram em suas escolhas léxicas, subjetivas os efeitos e significâncias da soberania do mal, aqui pensado como parte constitutiva do anti-humanismo. É de se notar nos romances temas escatológicos que dão aos acontecimentos uma força pictórica de proporções expressionistas, em que os planos não são só descontínuos como se borram e se precipitam em denegações, perspectivas paradoxais de personagens animados pelo tormento, pelo excesso, pela ausência, pelo luto, rompendo unidades de elucidação ao convocar as obsessões, as transgressões e as paixões de mundos agonizantes, porém soberanos. Sobre esse movimento de soberania das transgressões e de construções espaciais e semânticas antitéticas do humanismo, convoco outra reflexão batailleana sobre o dispêndio:

---

<sup>14</sup> AGUIAR FILHO. *Memórias de Lázaro*, p. 98.

<sup>15</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 195.

Nossa única felicidade verdadeira é gastar em vão, como se uma chaga se abrisse em nós: queremos sempre estar seguros da inutilidade, por vezes do caráter ruinoso de nossa despesa. Queremos nos sentir o mais longe possível do mundo em que o aumento dos recursos é a regra. Mas é pouco dizer – o mais longe possível. Queremos um mundo invertido, queremos o mundo do avesso. A verdade do erotismo é traição.<sup>16</sup>

A concepção de Georges Bataille de que o sagrado é precisamente comparável à chama que destrói a madeira ao consumi-la, de que é “o contrário de uma coisa, um incêndio ilimitado, que se propaga, irradia calor e luz, queima e cega; e aquele que ele queima e cega, por sua vez, de repente também queima e cega”,<sup>17</sup> comparece e se desdobra nas relações de dilapidação que espreitam as tentativas de alcance à Nina, ao Barão, ao prestígio, à ressurreição, através de negociações, de práticas sacrílegas que se precipitam para o indomável e o descomedido em *Crônica da casa assassinada* e na presença do vale que obseda o personagem Alexandre, já morrente, compondo elucubrações em êxtase acerca de seu regresso mítico ao Vale do Ouro:

Era como se atrás de mim não ficasse ninguém. Expulso de uma onda de fumaça, desfeita a paisagem, não sei ainda agora como as minhas mãos resistiram, e minhas pernas, e meu cérebro. Padecimento, se houve, não o senti. Imagens e sensações, todo o movimento interior se despedaçava como águas represadas, de repente, soltas, que inundam e afogam. Aflorava a lucidez, em raros momentos, mas logo tudo se convertia naquele vento que me levava, arrastando-me – eu, um fantasma, sem carne, sem sangue, sem vida. Não foi uma viagem, mas um voo sem asas. Homens ou animais, pântanos ou pedras, por eles não passei. Sacrificou-se, à atração do vale, a realidade comum.<sup>18</sup>

Também a cena narrada por Roberto, irmão de Rosália, em que a assassina do pai se entrega ao personagem leproso do romance, Gemar Quinto, vislumbrando dizimar toda a população do Vale, é ilustrativa do

<sup>16</sup> BATAILLE. *O erotismo*, p. 197.

<sup>17</sup> BATAILLE. *Teoria da religião*, p. 44-45.

<sup>18</sup> AGUIAR FILHO. *Memórias de Lázaro*, p. 157.

grau de consumação que afeta a narrativa. Rosália exhibe o mesmo ímpeto de Juliette, heroína sadiana, que dentre os repertórios de seus deboches em sua narrativa do século XVIII está a consumação por incêndio de trinta e sete hospitais que abrigavam mais de vinte mil pessoas na Itália, onde passava as férias. Os sacrifícios reconhecidos da teatral narrativa sadiana se distinguem da linguagem adonisiana que, por mais que invista em hierarquias (do silêncio, do passado), não leva a cabo um projeto de antimoralidade que deva corroer práticas normativas: o Vale parece ser o último refúgio dos desabrigados, a marca invisível de uma comunidade de expatriados.

Sobre esse aspecto, evidencio a reflexão de Georges Bataille, em seu *Teoria da religião*, que, ao identificar a destruição como princípio do sacrifício, argumenta que o sacrifício “arranca a vítima do mundo da utilidade e a devolve àquele do capricho ininteligível”;<sup>19</sup> assim, o casarão de *Crônica*, em larga medida, é acossado por uma experiência sacrificial, pela família que o mantém mesmo com toda a penúria financeira, e pelos habitantes de Vila Velha, fascinados em paradoxal equilíbrio pela grandeza antiga e pela ruína visível. Por ser preservada ao extremo como um bem sagrado, o casarão figura como personagem ruinoso, golpeado por ímpetos contraditórios de catástrofes e controles pelos personagens intra e extramuros. O microcosmo de *Crônica da casa assassinada* é acossado por uma destruição que faz tensionar o tempo presente, microcosmo como uma sociedade de consumação que eleva o primado da fantasia sobre as necessidades de empreendimentos para com Georges Bataille pensar a decaída da casa em uma trama de feição sacrificial. A irrupção do mal em *Memórias de Lázaro* também forja uma economia de atração à consumação do mundo, de desumanização da paisagem social e de suas interações, indicia a experiência com o bestial como condição inexorável para se pensar a alteridade e a construção do tempo pós-apocalítico que acossa os narradores e os personagens do Vale do Ouro. São linguagens de lastro expressionista que se perfazem sob o impacto de um limiar pecaminoso, sob um estado de insistência de delitos, de vícios, construções em espessura de catástrofes (incesto, assassinato, iminência de epidemia, mutilação animal), de mundos arruinados e confessados por personagens distantes de qualquer absolvição.

---

<sup>19</sup> BATAILLE. *Teoria da religião*, p. 22.

Sob o influxo da perspectiva batailleana de que “[é] preciso devir suficientemente firme e inabalável para que a existência do mundo da civilização apareça enfim incerta”,<sup>20</sup> por mais que o Vale do Ouro e a Chácara dos Meneses se projetem como domínios de resquícios (de vidas, de heranças), as partilhas que ali se configuram não lidam com qualquer cota ou fatura de reserva ou utilitarismo de seus mundos domésticos; antes, se lançam em relações irrestritas de desejo, de luto, de vida e de morte. Assim, não há nessa leitura reconhecimento de unidades representativas empenhadas em figurações de regulamentação da sociedade pela literatura. Pelo ultrapassar dos códigos propositivos, pela dissipação de patrimônios morais e simbólicos reverberam nos romances ecos de excessos capitalizados pelas transgressões, impulsos que catalisam a abjeção social, o erotismo e seus congêneres de impurezas como as doenças da personagem Nina e do personagem Gemar Quinto, o incesto, em movimentos contrários à exemplaridade, aos princípios de certo universalismo dos valores supostamente intrínsecos à arte. Os romances, em seus percursos expressionistas, em linguagens que, assombradas pela distensão do limite, indiciam uma desapropriação de pressupostos sobre a sua configuração esperada, enunciam pela negociação ou disseminação da desonra, da nostalgia, da maldição, da corrupção da lei uma abertura à traição da sacralidade, às experiências culminantes de consumação. Buscar simetria e justeza pelos diálogos e embates dos dois romances seria acatar uma falseada síntese de razão, de autenticidade de uma ou outra confissão em prol dos gastos de uma luminosidade sombria que deixa transparecer rastros e marcas das inquietações dos personagens.

## Referências

AGUIAR FILHO, Adonias. *Memórias de Lázaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BATAILLE, Georges. *A conjuração sagrada*. Trad. Fernando Scheibe. *Acephale*, Florianópolis, Cultura e Barbárie Editora, v.1, p. 2-4, 2013.

---

<sup>20</sup> BATAILLE. *A conjuração sagrada*, p. 3.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Trad. Julio Castañon Guimarães. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BATAILLE, Georges. *Teoria da religião*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LIMA, Luiz Costa. A análise sociológica da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2, p. 659-688.